

**VOZES DA ÁFRICA QUE CLAMAM E NÃO SÃO OUVIDAS:
ESTUDOS EM ÂMBITO LITERÁRIO SOBRE O PANOPTISMO RELIGIOSO E A
VIOLÊNCIA EM 'HIBISCO ROXO'**

***AFRICAN VOICES THAT CRY OUT AND ARE NOT HEARD:
LITERARY STUDIES ON RELIGIOUS PANOPTISM AND VIOLENCE
IN 'HIBISCO ROXO'***

Giullia de Alencar Aguiar¹
Mestre em Literatura
Universidade Federal da Paraíba
(giulliaalencar@hotmail.com)

Wilder Kleber Fernandes de Santana²
Mestre em Linguística
Universidade Federal da Paraíba
(wildersantana92@gmail.com)

RESUMO: O presente trabalho delimitou como objetivo analisar o panoptismo religioso refletido e refratado na personagem Eugene, presente no livro **Hibisco Roxo** (2011), de Chimamanda Ngozi Adichie. Nosso ato analítico incide sobre a violência e as suas manifestações enquanto elemento inerente à vigilância religiosa e ao olhar normalizante presentes na obra. Desse modo, propõe-se investigar a prática da religiosidade como mecanismo repressor, autoritário, estabelecedor de condutas que impossibilitam a liberdade de seus fiéis. Nota-se que a repressão empregada por Eugene decorre de um poder institucionalizado que foi por ele assimilado, tornando-o um indivíduo com traços de sujeito colonizado. Para composição do estudo foram levantadas discussões sobre o processo de colonização em território africano, uma vez que a obra se situa em um contexto pós-colonial. Os teóricos que subsidiam nossos pressupostos analíticos são Césaire (1978), a respeito dos discursos sobre a colonização, Foucault (2011), sobre o panoptismo e a sua relação de poder e Mbembe (2013), com contribuições acerca do cristianismo em África.

Palavras-chave: Colonização. Panoptismo. Religiosidade. Violência.

ABSTRACT: The present paper aimed to analyze the religious panoptism reflected and refracted in the character Eugene, present in the book **Hibisco Roxo** (2011), by Chimamanda Ngozi Adichie. Our analytical act focuses on violence and its manifestations as an inherent element of religious vigilance and the normalizing gaze present in the paper. Thus, it is proposed to investigate the practice of religiosity as a repressive mechanism, authoritarian, establishing conduct that preclude the freedom of its faithful. It is noted that the repression employed by Eugene stems from an institutionalized power that was assimilated by him, making him an individual with traces of colonized subject. For the composition of the study discussions were raised about the process of colonization in African territory, since the paper is located in a postcolonial context. Theorists who support our analytical assumptions are Césaire (1978), regarding the discourses on colonization, Foucault (2011), about panoptism and its power relationship, and Mbembe (2013), with contributions about Christianity in Africa.

Keywords: Colonization. Panoptism. Religiosity. Violence.

¹ ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0225-4111>.

² Doutorando em Linguística na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Bolsista Capes.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7569-499X>.

Introdução

Este trabalho se propôs, mediante análise da obra **Hibisco roxo** (2011), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, analisar o panoptismo religioso através da performance do personagem Eugene, cujas atitudes e falas evidenciam violência e vigilância familiar, as quais derivam do processo de assimilação da cultura europeia. O panoptismo decorrente da prática religiosa de Eugene constrói um ideal de sujeito opressor, o qual é responsável por controlar condutas e impor regras para pessoas que estão à sua volta. Assim, a personagem simboliza uma das questões mais cruciais do percurso narrativo e um dos pontos mais significativos da trama: o panoptismo oriundo de um distanciamento ideológico-cultural de matriz africana em consequência da colonização e da evangelização europeias.

Alguns enunciados³ da obra (de)marcam a influência religiosa europeia, o que pode ser averiguado na seguinte citação: “As coisas começaram a se deteriorar lá em casa quando meu irmão, Jaja, não recebeu a comunhão” (ADICHIE, 2011, p. 9). Nesse âmbito discursivo, a ausência da comunhão – ritual cristão em que se recebe, simbolicamente, o corpo de Cristo - está atuando como elemento definidor das desgraças que se principiaram.

É inegável a grandiosidade da composição literária, as personagens, as ambientações e as suas temáticas que constroem um mundo onde se torna possível sentir e estabelecer relações que extrapolam o campo ficcional. **Hibisco roxo** reflete e refrata, por meio de uma linguagem simples, histórias que (re)velam um pouco sobre a cultura do povo africano, a ideologia, os costumes, comidas, a tradição estampada nas mínimas circunstâncias do dia a dia de seus personagens. A profundidade da narrativa é evidenciada no contar dos problemas reais nigerianos, o que abarca acontecimentos de ordem política (os conflitos entre o governo opressor e a população), econômica (a precariedade do sistema educacional, a incisiva desigualdade social) e ideológica (os reflexos de uma sociedade machista, patriarcal), perpassados muitas vezes nos comportamentos do personagem Eugene.

³ Vale explicitar que a perspectiva de enunciado por nós mobilizada não é a noção morfossintática, carregada e promulgada durante tanto tempo pela Gramática Tradicional, mas o enunciado enquanto instância sócio-histórica, como postulada por Bakhtin (2006 [1979]), o que tanto contribuiu para novas interpretações dos estudos literários.

De fato, esse contexto problemático que a autora explana promove a construção de uma sociedade caótica e possibilita vinculá-lo sócio-historicamente a fatores culturais enfrentados por grande parcela dos países africanos. Vale ressaltar que outros problemas também se tornam presentes no contexto nigeriano, a exemplo da questão da crise identitária, que resulta de um longo processo de colonização que implantou, por meio de seu messianismo redentorista, o distanciamento dos africanos de sua própria identidade.

Dentre as personagens que ilustram tal afastamento está Eugene, figura ambígua, agressiva, tomada pelo fanatismo religioso que o assegura nas práticas de violência cometidas aos seus familiares. Adichie (2011), ao construir a persona desse indivíduo, instaura assuntos que fazem parte da história do seu país, isto é, do reflexo – horizonte ideológico – colonial pelo qual perpassam os sujeitos de sua sociedade. O advento do cristianismo católico em solo africano e toda a problemática da negação às tradições nativas também adentram como aspectos importantes para a composição e a configuração do personagem.

Nesse sentido, o trabalho está seccionado em três partes. Na primeira seção há o embasamento teórico, nomeadamente **A colonização na África e a crise identitária: fatores históricos**. A segunda seção, intitulada **A Religião Como Forma de Controle: A Fé Insana e a Prática da Violência** traz uma abordagem histórica do processo colonizador europeu no continente africano e a importância do cristianismo como ferramenta de dominância e de legitimação dessa colonização. Após a contextualização histórica há, na terceira seção, o tópico **Panoptismo Religioso de Eugene**, que concretiza a análise e a compreensão do personagem na sua complexidade, expondo as razões de suas ações e falas autoritárias e violentas tendo como base o conceito de panoptismo religioso.

Os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa adquirem fundamento nas obras: **Discurso sobre a colonização** (1978), de Aimé Césaire, que investiga os discursos em torno da colonização em África; **África insubmissa: cristianismo, poder e estado na sociedade pós-colonial** (2013), de Achille Mbembe, acerca do advento do cristianismo em território africano; e, sobretudo, **Vigiar e punir: nascimento da prisão** (2011), de Michel Foucault, uma vez que nos apresenta o conceito de panoptismo, indispensável para o estudo aqui proposto.

A colonização na África e a crise identitária: fatores históricos

Fatores histórico-ideológicos nos dão subsídio para averiguar a África enquanto elemento colonizado. A partir do século XIV, com as explorações marítimas europeias e os “descobrimientos” dela provindos até metade do século XX, houve a conquista e a ocupação de quase todo o continente africano por potências imperialistas da Europa como Portugal (responsável pela colonização de Angola, Cabo Verde, Moçambique, etc.); França (colonizando Senegal, Camarões, Guiné, etc.); Inglaterra (dominação dos territórios de África do Sul, Gana, Nigéria, etc.), entre outras. Conforme estudo de Alves (2015),

A primeira fase de expansão do imperialismo europeu na África, séculos XIV ao XVI surgiu da necessidade de encontrar rotas alternativas para o Oriente. Por ser um continente com grande diversidade natural e cultural, também sofreu com as explorações e divisões arbitrárias realizadas pelos colonizadores. A atual República da África do Sul teve grande importância no período pela localização da atual Cidade do Cabo como um porto conveniente para quem navegava do Ocidente rumo ao Oriente (ALVES, 2015, p. 137).

Após a instauração do sistema colonial, com a ocupação territorial, a dominação política e a consolidação e exploração econômica, as populações africanas viram-se submetidas às potências europeias, não apenas política, econômica e socialmente, mas sobretudo assaltadas em seus valores culturais mais profundos. De fato, toda essa colonização não foi aceita em curto prazo, houve iniciativas e resistências, embora elas não tenham impedido o estabelecimento do sistema colonial (CÉSAIRE, 1978). Apesar de todas as resistências por parte dos africanos, as potências europeias conseguiram conquistar quase todo o território, primeiramente, graças às atividades dos missionários e dos exploradores, que permitiram aos europeus terem conhecimento sobre toda a terra interiormente. Outro motivo foram as vantagens tecnológicas e de recursos materiais e físicos que os europeus conseguiram com a revolução industrial.

Sobre isso, faz-se importante considerar o que afirma Césaire (1978), contrapondo-se às ideias romantizadas entre civilização e colonização como processos mútuos, como se um resultasse do outro. Nesse sentido, não é coerente associar a África a um projeto civilizador ou modernizador (CÉSAIRE, 1978), uma vez que colonização e a civilização são antitéticas. Na perspectiva do pesquisador,

A colonização, enquanto violência, no sentido mais bruto da palavra, é uma autêntica antítese da civilização, ela, por natureza, desciviliza, simultaneamente, o colonizador e o colonizado. A colonização legítima o ilegítimo e normaliza o anormal: pode-se matar, à vontade, na Indochina, torturar em Madagáscar, prender na África negra, seviciar nas Antilhas... (CÉSAIRE, 1978, p. 7 e 14).

Depreende-se, das palavras antepostas, que esta violência imposta a favor do colonialismo configurou uma espécie de **imoralidade narcisista** (SARTRE, 1967) da ambição europeia, o que promove a que os indivíduos adiram à dinâmica colonial, uma vez que é preciso conscientizar os sujeitos de que há motivos claros e coerentes para interpretar o outro (não branco) como animalesco. Nas palavras de Faustino,

Pode se depreender dos textos de Césaire que a colonização é a manifestação, sem precedente, da ganância do aventureiro e do pirata, do comerciante e do armador, do pesquisador de ouro e do mercado, do apetite e da força, tendo por detrás a sombra maléfica projetada de uma forma de civilização que, a dado momento da sua história, se viu obrigada, internamente, a alargar à escala mundial a concorrência das suas economias (FAUSTINO, 2018, p. 74).

Faustino entende que as constatações de Sartre sobre o processo colonizador, em **Le Genocide (1967)**, validam “a convicção de Césaire para quem o colonialismo é brutalidade, intimidação, crueldade, sadismo, choque, violação, roubo, desprezo, culturas obrigatórias, desconfiança, massas aviltadas, ausência de contacto humano” (FAUSTINO, 2018, p. 73). É nesse sentido que, na agenda de Césaire, proliferam-se relações de dominação e de submissão que modificam os aspectos culturais do negro. Este tem sua vida transformada pela sua condição de criado, ajudante, colonizado e instrumento real de produção” (CÉSAIRE, 1978).

Diante dessas reflexões, considerado maior influente sobre a colonização, o cristianismo foi preponderando, fazendo com que os costumes locais fossem esquecidos e até ignorados no cotidiano da população em geral, que acreditava na colonização como algo “correto” e positivo, por vir de homens brancos e, de certa forma, instruídos. Segundo Mbembe (2013) o cristianismo

[...] foi concebido como parte integrante de interesses práticos sendo que os principais consistiam, por um lado, em delimitar o terreno a fim de subjugar as outras historicidades e, por outro lado, legitimar esta subjugação depois de inscrita nos factos (MBEMBE, 2013, p. 36-37).

Nesse prisma interpretativo, além de uma função colonizadora, possibilitando a entrada em território africano por motivos de conquista, o cristianismo atuava de forma subordinadora, buscando construir o saber em função da supremacia. Visava, portanto, legitimar a missão com o objetivo de impor e reconhecer o Ocidente como único no âmbito do discurso divino. Vale ressaltar que o fator missionário não foi responsável somente pela cristianização, mas também pelo ensino catequista que instrumentalizava a evolução da natureza colonizada do africano (ensino esse que se sustentava a partir de um suposto reconhecimento da inferioridade da cultura africana).

Aos poucos o bojo cultural africano foi sofrendo mutações: o que antes tinha um caráter global, com a presença dos ancestrais, deidades, passou a ser tratado com reverência e temor para, após o trabalho missionário se tornar uma singularidade e unidade da igreja que acredita em um único Deus significado por Jesus Cristo (MBEMBE, 2013, p. 43). Historicamente, parte da cultura africana foi reformulada segundo os conceitos desse domínio colonizador, o que afetava parâmetros socioculturais⁴, fossem de ordem social ou religiosa, de um povo que se construía através de ancestralidades.

Segundo Mbembe (2013) o pensamento ideológico do cristianismo fora acompanhado de uma política de poder que busca subordinar todas as formas culturais e religiosas dessa nação ao Ocidente. Dessa forma, todos os administradores desse pensamento passaram a adotar uma atitude hostil em relação às práticas religiosas africanas, tentando aboli-las. É esse aspecto que pode ser observado em narrativas do livro: Eugene, uma personagem altamente colonizada, após se converter e sofrer influências **desse cristianismo**⁵, exprime resistência a

⁴ O domínio colonial na África tinha como conceito a ideia de que para se implantar o progresso era necessário destruir por completo toda a cultura africana. Como a maior parte da cultura africana estava relacionada à religião é nítido que a política colonial iria confrontar-se com todos os princípios religiosos tradicionais, que eram a base da sociedade africana. Para isso, houve um intenso trabalho dos missionários em converter os africanos não somente ao cristianismo, mas aos valores culturais ocidentais, pregando contra a crença nos espíritos, contra as deidades e, principalmente, pregando a existência de um único e verdadeiro Deus.

⁵ Importa, aqui, esclarecer que o termo em destaque “desse cristianismo” pressupõe a existência de outras formas de divulgação do cristianismo. O caso que se deu na África, em especificidades locais, a partir da construção literária de Adichie não pode ser generalizada a ponto de se acreditar que o cristianismo enquanto movimento missionário (tanto no decorrer da História quanto no século XXI) opera dessa forma sua crença. Exemplos de historiadores que podem nos ajudar a compreender o cristianismo, também de forma pacífica, são Hill (2008) e González (2011).

todas as crenças tradicionais da sua nação, seja de forma religiosa ou de forma cultural:

[...] Depois que Papa recebia a comunhão, ele se sentava e observava a congregação ir até o altar, e depois da missa ia falar preocupado com o padre Benedict caso alguém tivesse faltado à comunhão dois domingos seguidos. Ele sempre encorajava o padre Benedict a ir visitar essa pessoa e trazê-la de volta ao rebanho; pois nada além de um pecado mortal poderia impedir alguém de receber a comunhão por dois domingos seguidos (ADICHIE, 2011, p. 12).

Os africanos foram assimilando toda a cultura colonial através da evangelização, sempre na língua do colonizador, o que permitia um melhor alcance das ações empreendidas embora os europeus sempre deixassem clara a diferença de raça e a existência de uma suposta superioridade perante os negros. Dessa maneira, as próprias identidades africanas foram se exaurindo e gradualmente passaram a desejar a nova cultura, tornando o processo de colonização mais opressor. Segundo Eagleton (1997),

O opressor mais eficiente é aquele que persuade seus subalternos a amar, desejar e identificar-se com seu poder; e qualquer prática de emancipação política envolve, portanto, a mais difícil de todas as formas de liberação o libertar-nos de nós mesmos (EAGLETON, 1997, p. 13).

Em uma perspectiva prática, o pensamento de Eagleton (1997) ganha concretude nos mecanismos que a Igreja católica utilizou para persuadir suas vítimas, por meio de discursos em relação ao amor e ao divino. Na medida em que oprimiu por não respeitar as práticas ancestrais de base africana, atuou como um dispositivo discursivo a causar efeitos de emancipação: uma liberdade de si para aderir a novas práticas religiosas, advindas de uma população supostamente mais importante e influente.

Por conseguinte, até mesmo essa assimilação se torna uma violência contra o povo africano porque retira dele toda a liberdade social, cultural e religiosa, de forma a perder a sua identidade ou ser atravessado “por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes ‘posições de sujeito’ – isto é identidades – para os indivíduos” (HALL, 2006, p. 17). Desse modo, a religião se encaixa como um método de domínio sobre o povo africano que, dentro do livro, é caracterizado através das ações do patriarca da família.

A religião como forma de controle: a fé insana e a prática da violência

A instauração do domínio colonial foi essencial na obra dos missionários. Considerado a religião dos vencedores o cristianismo era tido como a fonte de poder do homem branco, que promovia educação, emprego, poder e influência no mundo branco. Dessa forma, esses missionários conseguiram inúmeras conversões, construindo um novo mundo africano e criando convertidos que assumiram o trabalho de evangelização do seu povo e manifestando, para isso, uma atitude negativa em relação à cultura e às religiões africanas, a fim de destruí-las.

A nova nação que surgia criava um novo tipo de ideologia, que fazia referência a questões de poder (EAGLETON, 1997, p. 18). Criou-se uma forma de domínio sobre a nação africana na qual os missionários tinham a plena convicção de serem os únicos donos da verdade, condenando tudo o que fosse “pagão”, pregando contra todas as práticas tradicionais, ou seja, tomando como ponto de referência a cultura europeia, exerciam uma força separadora sobre a cultura africana. O cristianismo, assim, atua como um panóptico, através do qual se exerce o poder sobre os indivíduos utilizando-se de uma vigilância como forma de controle, buscando transformar o indivíduo segundo as novas normas.

O africano submete-se a essa cultura e a esse poder, acreditando se tratar de **novas e corretas** formas de pensar, pois, de qualquer maneira, essas novas crenças e valores tornam-se compatíveis com valores ocidentais que são ajustados se tornar, representativamente, superiores às tradições africanas, consideradas inferiores. Destarte, os missionários naturalizaram e universalizaram essas crenças, denegrindo todas as ideias que possam desafiá-las. Segundo Foucault (2011, p. 168) “o panóptico pode ser utilizado como máquina de fazer experiências, modificar comportamento, treinar ou retreinar os indivíduos” e, conseqüentemente, a religião foi utilizada para impor sobre os indivíduos uma nova forma de pensamento de modo a que rejeitassem toda a tradição conhecida e aceita até então. É nesse sentido que se presentificam alguns registros de Césaire:

falam-me de progressos, de realizações, de doenças curadas, de níveis de vida elevados acima de si próprios; eu falo de sociedades esvaziadas de si próprias, de culturas espezinhadas, de instituições minadas, de terras confiscadas, de religiões assassinadas, de magnificências artísticas aniquiladas... Ufanam-se de abusos suprimidos, eu também falo de abusos, mas para dizer que aos antigos

– muito reais – sobrepuseram outros muito detestáveis. Falam-me de tiranos locais trazidos à razão, porém constato que, regra geral, eles fazem muito boa parrelha com os novos e que, destes aos antigos e vice-versa, se estabeleceu, em detrimento dos povos, um circuito de bons serviços e cumplicidade. **Falam-me de civilização, eu falo de proletarização e de mistificação [...]** Cada dia que passa, cada negação de justiça, cada carga policial, cada reclamação operária afogada em sangue, cada escândalo abafado, cada expedição punitiva, cada polícia e cada miliciano fazem-nos sentir o preço das nossas velhas sociedades” (CÉSAIRE, 1978, p.25-26, grifos nossos).

Não há, portanto, justificativa para denominar nações dominadoras e opressoras de civilizadas, uma vez que suas próprias características constitutivas deturpam seu ideal de heroísmo. Ao afirmar, portanto, que uma civilização decadente se caracteriza como ineficaz em relação aos seus próprios problemas de funcionamento, reconhece Césaire que esta é enferma, cujos princípios formadores a caracterizam como civilização mórbida (CÉSAIRE, 1978).

No processo de dominação europeia, grande parte da nação africana constrói um panoptismo religioso, o que leva essas pessoas a assumirem uma nova postura frente às tradições da sua nação, aceitando a cultura europeia e rejeitando aquela que antes fazia parte do seu cotidiano. Como forma de demonstrar essa rejeição, os próprios africanos passam a vigiar e controlar os seus compatriotas, o que “permite aperfeiçoar o exercício do poder” (FOUCAULT, 2011, p. 170).

Dentro do contexto do livro esse panoptismo religioso é fortemente explorado na medida em que o patriarca colonizado adota essa vigilância e controle e executa essa dominação levando os indivíduos a obedecerem, por sentirem-se vigiados, de forma a torná-los submissos e dóceis a esse relacionamento familiar. Assim, o mecanismo de poder é internalizado no indivíduo, que passa a controlar a si mesmo, pois, receoso da punição, ele toma esse olhar de vigia para si e chega a um ponto de autocontrole condicionado pelo sistema de dominação que é internalizado. Desse modo, segundo Foucault (2011), o mais importante do panóptico é provocar um estado consciente nos indivíduos para gerar a manutenção automática do sistema de poder. Segundo Foucault (2011),

Quem está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, retoma por sua conta as limitações do poder; fá-las funcionar espontaneamente sobre si mesmo; inscreve em si a relação de poder na qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis; torna-se o princípio de sua própria sujeição (FOUCAULT, 2011, p. 168).

Enquanto categoria analítica, o panóptico, mobilizado por Foucault, promove um processo de automatização do poder criar um efeito de estar sendo observado nos sujeitos, como uma sensação consciente de vigilância permanente. Em outros termos, aquele que “[...] está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, retoma por sua conta as limitações do poder; fá-las funcionar espontaneamente sobre si mesmo; [...] torna-se o princípio de sua própria sujeição” (FOUCAULT, 2011, p. 192).

Dentro da ideia do panóptico, necessariamente o panóptico religioso, pode ser observada a disciplina, que se caracteriza da mesma forma que o panóptico, como uma forma de garantir controle sobre os indivíduos, necessariamente através da vigilância, como “técnicas para assegurar a ordenação das multiplicidades humanas” (FOUCAULT, 2011, p.179), ou seja, é um poder que incide nas atividades humanas controlando gestos, ações, atividades e a sua própria vida cotidiana.

A “disciplina” não pode se identificar com uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma “física” ou uma “anatomia” do poder, uma tecnologia (FOUCAULT, 2011, p. 177).

A disciplina, enquanto fonte de poder, autorregula os indivíduos, que são submetidos a uma moral disciplinar que lhes impõe padrões de comportamento, garantindo ao dominador a submissão dos corpos. Nesse sentido, esse tipo de dominação encontra-se no patamar da violência enquanto forma de controle e de poder sobre um indivíduo, que se vê inserido em uma vigilância contínua sem qualquer forma de saída na medida em que se autocontrola por receio das punições.

Assim, o panoptismo religioso, necessariamente o cristianismo trazido pelo colonizador, torna-se uma forma de violência, conforme considera a cultura africana como **pagã** e exclui toda a tradição religiosa africana do centro da nação, fazendo com que todos os indivíduos que aceitaram a conversão rejeitem as reminiscências, criando um novo modelo de pensamento e, de certa maneira, de ideologia.

[...] as ideologias, para serem verdadeiramente eficazes, devem dar algum sentido, por menos que seja, à experiência das pessoas; devem ajustar-se, em alguma medida, ao que elas conhecem de realidade social com base em sua interação prática com esta (EAGLETON, 1997, p. 26).

Logo, na medida em que o cristianismo foi adentrando nas culturas africanas e demonstrando os efeitos de uma representação de superioridade europeia sobre essas, todos os indivíduos que desejavam essa superioridade, embora nunca pudessem alcançar devido à diferença de raça, foram aproximando-se da religiosidade e da educação oferecida pelos missionários, que faziam uso da persuasão para elencar a unidade cristã e excluir a diversidade africana. Tratou-se não somente de garantir essa unidade, mas levar os africanos a renunciar toda a tradição de seus antepassados. Assim, todo o panoptismo religioso fez com que os indivíduos convertidos vigiassem e controlassem o resto da nação como forma de abolir a africanidade e estabelecer a colonização.

O Panoptismo religioso de Eugene

Adichie constrói o seu enredo nos apresentando dois mundos completamente diferentes, ambos perpassados no contexto nigeriano marcado pelos duros golpes de uma ditadura política e por tantos outros problemas advindos desse sistema opressor. A falta de água, os altos preços dos combustíveis e a crise financeira que assola todo o país tornam-se dificuldades que intensificam o clima de constante instabilidade social dos seus personagens.

Tais problemáticas nos são transmitidas mediante as percepções de uma adolescente que transita entre esses dois espaços e narra, sentindo na pele os contrastes que percorrem essa sociedade. Um desses espaços corresponde à sua própria família, constituída pelo seu pai (Eugene), sua mãe (Beatrice), o seu irmão (Jaja) e por ela própria, a narradora, de nome Kambili. Os personagens, apesar de fazerem parte de uma mesma família, apresentam particularidades que os distanciam, tornando-se possível configurá-los como figuras singulares de personalidades e contribuições significativas.

No primeiro momento onde a narrativa se inicia, perpassada dentro de um contexto familiar, a tensão ocasionada pelo conflito entre Eugene e o seu filho Jaja decorre de uma prática religiosa insana, causada pela intolerância e pela privação da liberdade. Papa (termo utilizado por Kambili para se referir ao seu pai) corresponde a um personagem que traz consigo traços de sua personalidade forte, corroborada durante o desenvolvimento da trama. Educando seus filhos rigidamente nos princípios católicos, Eugene não tolera ser contrariado. Seu caráter opressor é proveniente em

grande parte do seu fanatismo cristão e do receio em perder as rédeas sobre o futuro de sua família.

Regular as más condutas, reprimindo qualquer comportamento que fuja dos desígnios da igreja, tornava-se parte do seu cotidiano. Ao estabelecer quadros de tarefas diárias e opinar nas vestimentas e nos horários da casa Eugene estaria aos poucos transformando os seus filhos em sujeitos submissos, interdependentes, isolados a um mundo de regras e de luxo.

Papa gostava de ordem. Isso ficava patente nos próprios horários, na forma meticulosa como ele desenhava as linhas, em tinta negra, cortadas horizontalmente a cada dia, separando a hora de estudar da hora da sesta, a da sesta da hora de ficar com a família, a de ficar com a família da hora das refeições, a das refeições da hora de rezar, a de rezar da hora de dormir. Papa revisava nossos horários com frequência (ADICHIE, 2011 p. 30).

Há um controle por parte de Eugene, marcado pela aculturação do personagem à cultura branca, a partir do qual conduz seus filhos a um estereótipo europeu, que ele considera superior. As marcas desse colonialismo e da identificação feita por Eugene acerca da cultura europeia faz com que ele adote todos os costumes e práticas, criando sua nova identidade. Dessa forma, ele determina horários, para que tenha total controle sobre os seus filhos, de modo que os mesmos estejam sempre sobre a sua vigilância.

Com todo esse controle se faz presente, principalmente na questão religiosa, o panoptismo do personagem, que sustenta a dominação de Eugene sobre a sua família. O cristianismo é um sinal de superioridade na empreitada imperialista, determinando, de certa forma, uma hierarquia social, sendo Eugene um beneficiário desse poder.

Em alguns domingos, a congregação prestava atenção mesmo quando o padre Benedict falava de coisas que todos já sabiam, sobre como Papa fizera as maiores doações ao óbolo de São Pedro e à igreja St. Vincent de Paul. Ou sobre como Papa pagara as garrafas de vinho usadas na comunhão, os novos fornos do convento onde as irmãs assavam a hóstia e a nova ala do hospital St. Agnes, onde o padre Benedict dava a extrema-unção. E eu ficava sentada com meus joelhos apertados um contra o outro, ao lado de Jaja, tentando deixar meu rosto sem expressão e impedir que meu orgulho ficasse visível nele, pois Papa dizia que a modéstia era muito importante (ADICHIE, 2011 p. 11).

Assim, a voz autoral nos mostra como os modelos político e social eram estabelecidos, cercados pelo cristianismo. Como o personagem Eugene representa o homem mais rico da comunidade e é responsável pela maior parte das doações feitas à igreja, isso demonstra seu o pertencimento a esse domínio e, de certa maneira, incita o resto dessa nação a seguir os seus passos a fim de obter, também, essa posição de superioridade, que só era possível através dessa conversão trazida pelo europeu.

Dentro da narrativa há inúmeros sinais de violência, que ocorrem quando seus familiares não seguem as regras determinadas por Eugene, principalmente no âmbito religioso, como a ação de visitar o padre após a missa “nós sempre passávamos lá para visitá-lo depois da missa” (ADICHIE, 2011, p. 35). Essa regra devia ser seguida por todos, em qualquer situação, mesmo que algum motivo inviabilizasse tal feito como expressado nos diálogos “- Deixe-me ficar no carro, biko – disse Mama, encostando-se na Mercedes. – Sinto que há vômito me subindo a garganta” (ADICHIE, 2011, p. 35). Essa vigilância é observável durante o episódio que mostra o poder e a superioridade de Eugene perante sua família e faz com que se perceba o embasamento do cristianismo, que delimita as regras impostas pelo patriarca, ocorrendo consequências para quem não a cumpra, em forma de violência.

[...] Pancadas pesadas e rápidas na porta talhada à mão do quarto dos meus pais. Imaginei que a porta estava emperrada e que Papa estivesse tentando abri-la. Se imaginasse aquilo sem parar, talvez virasse verdade. [...] Ficamos no corredor, vendo Papa descer. Mama estava jogada sobre seu ombro como os sacos de juta cheios de arroz que os empregados da fábrica dele compravam aos montes na fronteira com Benin. Ele abriu a porta da sala de jantar. Ouvimos a porta da frente sendo aberta e o ouvimos dizer algo para o homem que guardava o portão, Adamu. - Tem sangue no chão - disse Jaja (ADICHIE, 2011, p. 39).

Observa-se a violência enquanto forma de controlar as ações determinadas pelo pai e a punição que os sujeitos sofrem caso não sigam essas determinações. Eugene é representado como a própria externalização do poder e a figura máxima dentro desse contexto, a quem cabe estabelecer e fazer cumprir todas as regras. Cabe a Eugene esse efeito panóptico, na medida em que o prova a um estado consciente e constante de visibilidade, que vai garantir que essas regras e imposições estabelecidas por ele sejam mantidas, a fim de estar sempre em poder.

Vale ressaltar que Eugene foi convertido ao catolicismo e recebeu uma educação superior europeia, aplicando posteriormente essa educação no seu meio social e, principalmente, no seu seio familiar. Essa conversão gerou no personagem um fanatismo religioso bem como uma intolerância religiosa, fazendo-o considerar o cristianismo superior a toda a tradição africana. Essa intolerância religiosa é refletida em relação ao seu próprio pai, o Papa-Nnukwu, que continua tradicionalmente na cultura africana, oferecendo culto aos deuses, sendo rejeitado e considerado por seu filho um pagão, o que pode ser exemplificado neste excerto, por exemplo: “Finalmente, rezou pela conversão de nosso Papa-Nnukwu, para que ele pudesse ser salvo do inferno” (ADICHIE, 2011, p. 68).

Como forma de demonstrar a exclusão da cultura africana para sua família, Eugene não somente rejeitava e considerava o pai pagão como evitava qualquer contato dos seus filhos com ele, exceto no Natal, quando permitia uma visita, embora o panóptico religioso esteja presente, na medida em que a vigilância continua por parte dos próprios sujeitos dominados.

- Kambili e Jaja, hoje à tarde vocês irão à casa de seu avô visitá-lo. Kevin vai levá-los. Lembrem, não comam nada nem bebam nada. E, como sempre, vão ficar só quinze minutos. Quinze minutos. - Sim, Papa. Papa dizia isso todo Natal desde que tínhamos começado a visitar PapaNnukwu havia alguns anos. [...] Não gosto de mandar vocês à casa de um pagão, mas Deus vai protegê-los - disse Papa (ADICHIE, 2011, p. 68-69).

Ainda que Eugene não vá à visita junto a seus filhos, ele faz com que a vigilância continue por parte dos seus filhos na medida em que há uma interiorização das regras, que disciplina as condutas, determinando comportamentos e manipulando os corpos, de forma a torná-los uma extensão do próprio controle. Esse domínio torna-se intrínseco ao dominado de forma que ele repete esse discurso e essas ações mesmo quando não está sobre vigilância: “- Porque Papa-Nnukwu é um pagão. Papa ficaria orgulhoso se soubesse que eu tinha dito isso” (ADICHIE, 2011, p. 90). Pode ser observado que o panoptismo religioso exposto pelo pai é passado totalmente para os filhos na medida em que eles interiorizam o discurso e o repetem, como forma de mostrar obediência e, de certa forma, fugir da punição que seria imposta caso isso não ocorresse.

De fato, o panoptismo religioso em Eugene está presente em toda a obra e é transmitido para seus filhos de modo a fazê-los repetir todo o discurso que ele havia construído quando foi convertido e educado pela cultura colonizadora. Toda a vigilância e poder que rondavam a sua família já fazia efeito e já estava inerente à identidade cultural deles de forma a eles construírem o seu discurso remetendo ao discurso do pai, que havia excluído as suas heranças africanas. “Pagão, tradicionalista, o que importava? Ele não era católico e pronto; não era da nossa fé. Era uma dessas pessoas por cuja conversão nós rezávamos, para que elas não acabassem no tormento eterno dos fogos do inferno” (ADICHIE, 2011, p. 90).

O discurso religioso e fanático do pai fazia com que ele criasse e conduzisse todas as regras da família. Neste contexto, a violência para com os filhos é legitimada pela religião quando, por exemplo, numa das cenas narradas na ocasião de uma quebra do jejum da Eucaristia de Kambili para tomar o remédio contra cólica, flagrado pelo Papa, que reage através de um fundamentalismo religioso.

- O que você está fazendo, Kambili? [...] - Está comendo dez minutos antes da missa? Dez minutos? [...] - Será que o demônio pediu para você fazer o trabalho dele? [...] - Será que o demônio armou uma tenda dentro da minha casa? [...] Papa tirou o cinto devagar. Era um cinto pesado feito de camadas de couro marrom com uma fivela discreta coberta do mesmo material. Ele bateu em Jaja primeiro, no ombro. Mama ergueu as mãos e recebeu um golpe na parte superior do braço, que estava coberta pela manga bufante de lantejoulas da blusa que ela usava para ir à igreja. Larguei a tigela sobre a mesa um segundo antes de o cinto me atingir nas costas (ADICHIE, 2011, p. 111).

É indiscutível a relação entre religião e violência em Eugene, que evoca a superioridade e o poder religioso frente a todas as outras situações que circundam o meio social, utilizando-se da punição física como forma de garantir a salvação pregada pelo cristianismo, até mesmo na colonização. Assim, a agressão física é a predisposição para tudo o que ele considera pecado, até mesmo em situações que fogem ao controle do outro. Um episódio marcante de agressão seguido por esse panoptismo religioso acontece quando seus filhos vão passar uns dias na casa de um parente e acabam por dormir próximo ao Papa-Nnukwu, considerado por Eugene como pagão, afastado de forma perspicaz dos filhos. Quando essa aproximação é descoberta, ele vai buscar seus filhos e os castiga quando chega em casa, não somente com agressão, mas também com tortura.

Olhei espantada para Papa. Por que ele estava me pedindo para entrar na banheira? Olhei o chão do banheiro; não havia um galho em lugar nenhum. [...] Entre na banheira - repetiu Papa. Entrei na banheira e fiquei parada, olhando para ele. [...] Então percebi a chaleira no chão, ao lado dos pés de Papa, a chaleira verde que Sisi usava para ferver água para o chá e para o garri, aquela que apitava quando a água começava a ferver. Papa apanhou-a. [...] Papa baixou a chaleira dentro da banheira e inclinou-a na direção dos meus pés. Derramou a água quente nos meus pés, lentamente, como se estivesse fazendo uma experiência e quisesse ver o que ia acontecer. Estava chorando, as lágrimas jorrando por seu rosto. Vi o vapor úmido antes de ver a água. Vi a água sair da chaleira, fluindo quase que em câmera lenta, fazendo um arco no ar até chegar aos meus pés. A dor do contato foi tão pura, tão escaldante, que não senti nada por um segundo. Então, comecei a gritar (ADICHIE, 2011, p. 206-207).

Pode ser observada, nesta cena, a violência e a indiferença de Eugene pela dor sofrida por sua filha, tendo em mente somente o “pecado” cometido contra os princípios religiosos regidos por ele. Ressalta-se novamente esse panoptismo religioso, que segue a definição de poder dentro do seio familiar de Eugene como uma forma de manter as regras definidas e lidar com violência quando elas são quebradas a fim de não perder o controle sob toda a construção edificada por ele durante a maturidade dos seus filhos bem como de toda a sua família. O personagem traz consigo esse fanatismo religioso, que o faz tomar atitudes desesperadas e atormentadoras quando algo se desvia da normatividade imposta por ele.

Como ápice dessa violência, e como última violência narrada no livro, pode ser mencionada a cena em que Jaja e Kambili, filhos de Eugene estão no quarto e têm em mãos um retrato de Papa-Nnukwu. O personagem se depara com essa cena e percebe o quanto o seio familiar vem fugindo das imposições feitas por ele, tendo como ação rasgar em pedaços essas fotos. Como a reação da filha foi se jogar sobre os pedaços, isso levou Eugene a espancá-la até deixá-la inconsciente.

Mesmo assim, não me mexi. Ele começou a me chutar. As fivelas de metal de seus chinelos doíam em minha pele como mordidas de mosquitos gigantes. [...] O ritmo dos chutes foi aumentando [...] Eu me enrosquei mais sobre mim mesma, sobre os pedaços do quadro; eles eram macios como penas. [...] A dor me queimava agora, estava mais parecida com mordidas, porque o metal caía sobre feridas expostas na lateral do meu corpo, em minhas costas, em minhas pernas. Chute. Chute. Chute. Talvez fosse um cinto agora, pois a fivela de metal parecia pesada demais. [...] Mais pancadas. Mais tapas. Algo molhado e salgado esquentou minha boca. Fechei os olhos e me entreguei ao silêncio (ADICHIE, 2011, p. 222-223).

É nítido que o comportamento violento de Eugene parte de uma tradição religiosa, pois, de certa forma, ele é caracterizado como um esquizofrênico religioso, que controla a todo custo a sua família, seja de forma vigilante, seja através de uma violência física que perpassa todos os âmbitos de suas ações. Ele busca exercer a disciplina e utiliza-se da violência como algo necessário para perpetuar o seu controle. Eugene é marcado por um estereótipo colonialista, influenciado pelo âmbito religioso, que determina suas ações e pensamentos frente a toda cultura africana, de forma a definir esse controle através da vigilância e praticar a violência a fim de vincular o seu domínio e impor as suas regras.

Considerações finais

A obra é um exemplo da perpetuação da cultura do colonizador, que busca dominar e ser considerado superior frente aos valores e práticas culturais e tradicionais africanos. Por conseguinte, a colonização, focando-se aqui na ação dos missionários, tende a ignorar e excluir a visão nativa de religião, considerando a ancestralidade como pagã, tendo como “correto” somente o cristianismo, trazido por eles a fim de converter e transformar a africanidade.

A religião trazida pelos missionários adentrou na identidade do africano como uma nova ideologia, fazendo-o ignorar toda a cultura que antes fazia parte do seu cotidiano. Sendo assim, essa nova identidade adquirida pelo colonizado fez com que ele mudasse a sua visão e tentasse perpetuar a mesma, passando a controlar e manipular todos os que estão ao seu redor.

De modo a controlar essa influência religiosa africana, pode ser observado o personagem Eugene como uma configuração de panóptico religioso, que busca vigiar e controlar todos aqueles que estão ao seu redor, com o intuito de convertê-los ao cristianismo, renegando a cultura de sua ancestralidade. Para conseguir determinar todas as ações que são impostas por ele o personagem usa a violência, seja ela psicológica ou física, perpetuando a função de dominador.

Observa-se, portanto, que o personagem Eugene é altamente colonizado e, principalmente, um fanático religioso que tenta a todo custo impor os valores europeus no seu âmbito familiar. Ele é um modelo de panóptico religioso na medida em que vigia e domina a sua família a ponto de controlar todas as suas ações mesmo quando não está presente porque tornou essa vigilância intrínseca à construção social do seio

familiar. Consequentemente, ele utiliza-se da vigilância para que esse controle continue a perpetuar em relação à forma como os outros agem sobre questões que ele condena como, por exemplo, no âmbito da presença de Papa-Nnukwu.

Desse modo, o personagem pode ser percebido não somente como um ser colonizado, ou como um fanático religioso, mas como a extensão de um panóptico religioso, que se utiliza do poder que possui sobre o outro para controlar e dominar todas as ações dos indivíduos.

Com a presente pesquisa, a qual é tecida no âmbito de estudos literários em percepção das construções da narrativa, esperamos contribuir com perspectivas analíticas que se debrucem sobre os elementos discursivos como fonte de investigação literária em perspectiva interdisciplinar. Para que pudéssemos potencializar nossas análises, estabelecemos vínculo analítico com a História, a Ideologia e a Política locais. Desse modo, não se esgotam nossas palavras, nem são últimas, mas abertas a novos questionamentos e inserções científicas.

Referências

ADICHIE, C. N. **Hibisco roxo**. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ALVES, R. M. K. Panorama histórico da colonização e descolonização da África do Sul em relação com os romances de Coetzee. **Revista de Literatura, História e Memória**, v. 11, n. 17, p. 135-150, 2015.

BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal**. [tradução feita a partir do russo; tradução Paulo Bezerra]. 5ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CÉSAIRE, A. **Discurso sobre a colonização**. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

EAGLETON, T. **Ideologia**. Uma introdução. Tradução Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. São Paulo: Boitempo, 1997.

FAUSTINO, N.M. A colonização, uma referência historicizante do discurso sobre a descolonização de África: uma provocação filosófica a partir de Frantz Fanon. **Revista Opinião Filosófica**, Porto Alegre, V. 09; Nº. 01, 2018. p. 67-97.

FOUCAULT, M. O Panoptismo. In: **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 39ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 186-214.

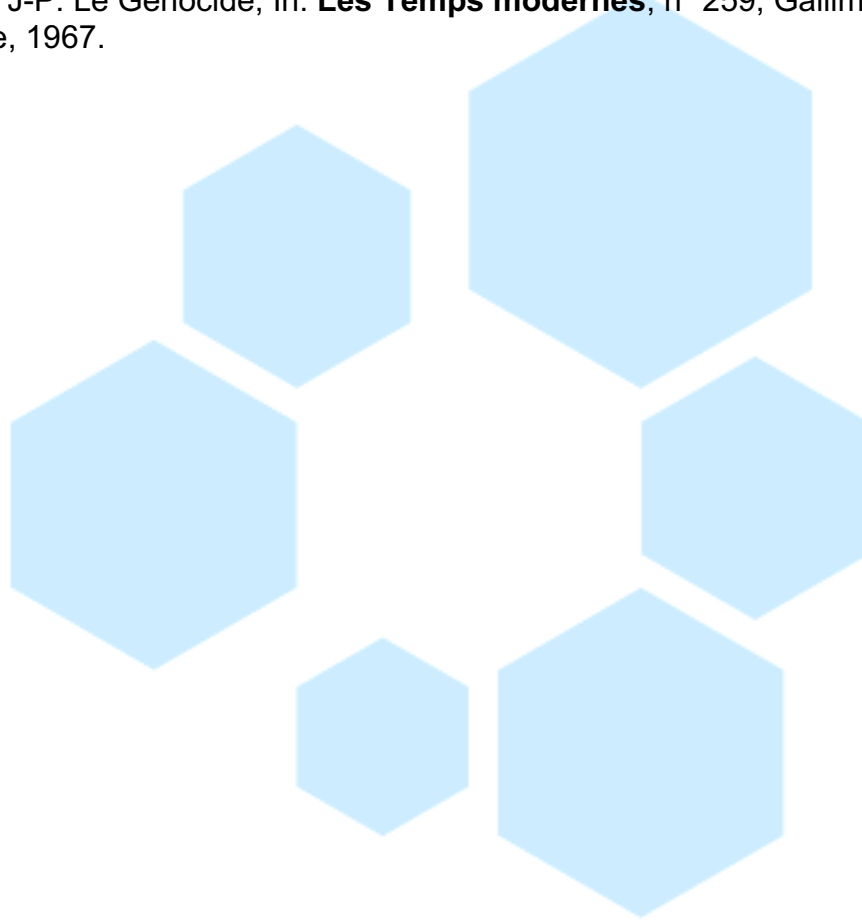
GONZÁLEZ, J. L. **História Ilustrada do Cristianismo** – a era dos Mártires até a era dos sonhos frustrados. Tradução de Udo Fuchs, Key Yuasa. 2ª edição. São Paulo, Editora Vida Nova, 2011.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HILL, J. **História do Cristianismo**. Trad. Rachel Kopit Cunha; Juliana A. Saad; Marcos Capanol. São Paulo: Edições Rosari, 2008.

MBEMBE, A. **África insubmissa**: cristianismo, poder e estado na sociedade pós-colonial. Luanda: Edições Pedagogo; Edições Mulemba, 2013.

SARTRE, J-P. Le Genocide, In: **Les Temps modernes**, nº 259, Gallimard, Dezembro, 1967.



Recebido em 01 de março de 2020
Aprovado em 30 de abril de 2020